

Rege Rangel
ROSAS DE PAPEL

Rego Rangel

ROSAS DE PAPEL

869.3
R 1962

GOTEMBURGO

1 9 5 0

A FORMA imutavel manifesta-se pelo relêvo. Em tudo aquilo que é apenas neblina dentro da imprecisão do contorno não existe ritmos entre formas e espaços . . .

*

O espaço-forma e o espaço-rítmo.

*

A pintura não é somente restituição espacial e córte de ouro, essa dupla representação da face juxtaposta ao perfil, pesquisa de forma e côr. E'algo mais que fica fóra do quadro . . .

*

[5]

GÖTEBORG 1950
BOKTRYCKERI AKTIEBOLAG

MINISTERIO DA JUSTIÇA E NEGOCIOS INTERIORES
DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL
BIBLIOTECA

NUMERO	DATA
99	22-1-52

Os pintores espiam mágicamente a imensa solidão e o abandono imenso das coisas.

*

Há movimento, equilíbrio, correspondência, unidade de côres, de formas, de massas-valores e de massas-luminosas e relações dos diversos corpos entre si, na pintura, como existe coordenação de massas na estrutura melódica.

*

A pintura é linha, côr, tom e forma; arte de transposição e de composição; não é somente uma simples organização do espaço cromático, que visa traduzir formas de sensações . . .

*

A louca oração de côres das flôres de Odilon Redon . . .

*

As frias colorações prateadas das paisagens de fim de inverno e começo de primavera de E. Sisley. Sisley é o Debussy da pintura . . .

*

O sonho de côr da flôr.

*

A côr existente no objeto e a sensação da côr, a côr em si e o conceito da côr, dificilmente se relacionam, quando considerados *in abstrato* . . .

*

Há festa de espirito na representação de objetos em relêvo num papel de duas dimensões . . .

*

Na *quarta-dimensão* do espaço de muito quadro de pintor moderno o vermelho corresponde ao lá do diapasão musical. E as côres teem diversas alturas de sensações. E tudo isso sem uma unidade de medida . . .

*

Tons quentes de primeiros planos.
Distâncias que se esfumam, como esperanças.
Cinzentos-violetas de longes . . .

*

Há melodías, com enigmas sumidos, na tela de GIORGIONE, "La Tempesta". A música tudo transfigura . . .

*

Em planos de luz e sombra, as côres nitentes, paralisadas e insidiosas, como sonhos, dos anuncios a gás neon, mercúrio e outros gazes, como que ocultam, animalizam, disfarçam os nocturnos das velhas cidades . . .

*

Não se concebe uma tela somente com luz e dimensão espacial.

*

Figura em primeiro plano, que parece esperar pelo momento de sair pela porta aberta da tela, num arranque . . .

*

Picasso é o perdido do reino do espirito.

*

A pintura, forma superior de cultura, não é uma arquitetura de conceitos.

*

A luz sonha a côr.

*

Em diversas paisagens de HIROSHIGUE há espirito de auróra.

*

Os azues, que entram pelos olhos a dentro, como uma carícia, uma mensagem, um contágio suave . . .

*

Os tons dissolvem-se uns nos outros, para, juntos, se unificarem. Os tons de passagens teem alturas diferentes, como as notas musicais.

*

A passagem lenta da côr da zona em luz para a zona em sombra, como a do do espirito, da vigilia para o sôno.

*

O espirito humano sublimou a Natureza, que desconhece o ponto, a linha, a côr em si, e as perspectivas linear e aérea . . .

*

A luz pela sua mobilidade e intensidade é o encantamento e a tortura dos pintores que pensam luz . . .

*

Os caminhos caminham furiosos, a água flue, distâncias acozzam distâncias, as árvores lançam suas sombras e o vento deita seáras nas torturadas paisagens de Van Gogh, o Nietzsche da pintura . . .

*

As côres, filhas da luz, vestidas de sonho . . .

*

O pintor, transmutando para as duas dimensões da tela planos de um *quantum* espacial e tornando, pela composição, visíveis as idéias, representa tudo quanto, fóra dele, tem carácter plástico e valores de luz e côr . . .

*

O sentimento existe fóra do quadro.

*

Certos quadros são poemas de côres que se detestam . . .

*

O artista moderno esconde a natureza em abstrações.

*

Os criticos de arte descobriram em várias cenas do *FAUSTO* trasladações descritivas de gravuras artisticas. Mesmo na expressão goetheana abstráta, há desenho . . .

*

A água forte do inverno com negros troncos de longas sombras, acentuando brancuras frias, aniladas, sob um céu cinzento e baixo, plúmbeo . . .

*

A realidade interior, como ilusão e, a exterior, como comprimentos de ondas, espectralizados . . .

*

A realidade tem tambem entranhas.
Nao é somente epiderme . . .

*

Teoria e prática em alma e cõrpo de verdades.

*

Problemas de cursos cruzados e orbitas vastas, organizados, numa unidade de veias entrelaçadas, como um ser vivo, ou enquadrados pelo sistema de Leonardo, numa espiritual geometria.

*

Côr, atmosfêra, volume, no pensamento, com luz de meio dia; no pensamento silencioso, como uma flôr, filha do sonho . . .

*

O eu no tempo é como o tremulo reflexo de uma árvore no manso critál fugidio de um rio . . .

*

A mascarada autognósia, entre fantasmas, na esquina do acaso:

— Você me conhece?

— Não, vivemos em terras desconhecidas . . .

*

O olho gelado do desconhecido.

*

Pensamentos perdidos no oceano da memória, como gaivótas . . .

*

A física nuclear desacreditou a politica do cavalo de Tróia.

*

Almas anarquicamente populósas como um guetto . . .

*

O beijo nulo da hora inesperada.

*

Existe sempre um grão contaminado numa granada, aberta em rubís . . .

*

Embaçado e multiplicado nos mil e um espelhos do destino . . .

*

O olhar de chumbo dos problemas insolúveis.

*

A ostra é acéfala como certos críticos.

*

Toda architectonica de conceitos é arbitraria.

*

Um sonho cheio de espelhos.

*

O silêncio sonha na meia luz.

*

Existe tambem a zona africana do reino do espirito.

*

Não sabemos tudo quanto se oculta na madeira da
inocência artistica africana.

*

O prazer de colorir um sistema nervoso de idéias
esquecidas e inuteis . . .

*

Ruas de minha infância.

Ruas da minha infância de alma antiga como certas ruas.

Ruas de Pirapóra-cidadezinha de três ruasúnicas-Direita,
Comércio e Quinze de Novembro- cauda tripartida de
um longo caminho de carro de boi, descendo de Baruerí.

Ruas das romarias e dos sambas violentos em volta da
póbre imagem de São Gonçalo. Ruas dos taboleiros de
rapadura de cidra, doce de abóbora e outros doces, se-
cando ao sól, em compridas mesas rústicas. Ruas das ca-

ravanas de leprósos-longas filas indianas de cavaleiros
tristes, surgidos da Garganta do Diabo-filas puxadas por
uma menina e moça- imagem dolorosa da maternidade
impossivel- segurando ao colo um macaquinho gafo.

Ruas de Pirapóra- cidade de minha infância- de alma
velha como certas ruas: Seminário Menór; feiras de

gados de troquilhas atendados perto do morro da

Cruz; morro do Boturuna, ao longe; usina de

Nhô-Quim, rescendendo a meladura quente.

Pirapóra dos caminhos por entre as matas;

dos húmidos recantos paradisíacos de

avencas e orquídias; do cheiro forte e

bom de resinas, flôres e frutos sil-

vestres; das serpentes enrodilha-

das ao sól; da música liquida,

continua, de água batida,

caindo do alto, contrariada

pelo eterno pesadelo das

pedras gigantescas.

Ruas de minha in-

fância.

Ruas da minha

saudade . . .

*

Uma estrada vermelha que vagorosamente sóbe, como
carro de boi guinchante . . .

*

O silêncio dorme sôbre as ervas das ruazinhas ermas das cidades esquecidas. A sensação de tempo, passando lentamente com as nuvens, é nelas, mais entranhada, subjectiva, vadia. O tique-taque dos grandes relógios de parede é, também, mais sonóro e sensível . . .

*

Uma distante manhã, estremecida pelo rumor confuso, súbito, desmanchado no ar, de asas brancas, em torno a pombais, depois de uma noite tranquila sôbre um colchão impregnado de alfazema . . .

*

Uma casinha de campo, isolada, como um sonho, dentro da noite imensa . . .

*

Entre árvores altas um vôo manso e branco de gaivóta.
SILENCIO.

Crianças loiras num pequeno parque. Baila, leve, no ar, uma folha amaréla.

Folhame avermelhado numa parede velha.

Prenúncio de outono . . .

*

O próprio Narciso, lendário caçador que se transformou em flôr, teve uma desditosa Echo . . .

*

A flôr de emoção e a flôr da suprema abstração, perdidas num escombros de palavras ardentes . . .

*

A idéia-raiz oculta-se na semente e no leve devanêio da flôr- cujo destino é o fruto . . .

*

A imagem é o conceito feito flôr . . .

*

A flôr é nublado sonho fugaz.

*

A poesia é um milagre. Exáta como uma flôr, surge, em corpo e alma de beleza, em aparência de realidade e realidade de aparência, no espelho vivo do espirito . . .

*

Uma flôr, orfã dê um bûque . . .

*

Narcissismo: pálida flôr de estames de oiro na grande lua de um espelho . . .

*

Dizem muito os diagramas de flôres, mas não tudo. E' uma ilusão quereremos descobrir neles o ponto sagrado da flôr . . .

*

A flôr é uma visível decalcomania do abstrato.

*

O sonho distante da flôr.

*

O começo da fruta é o fim da flôr. A imaginação é o flôr. A meditação é o fruto. E a flôr dorme no coração do fruto.

*

Uma criança, inquiéta e alegre, como uma folha num remoinho . . .

*

Uma instantânea flôr de gestos, em rápidos debuxos desmanchados no ar . . .

*

Imagens inexplicáveis lançando hásteas de idéas, como sementes de flôres desconhecidas.

*

Narração-rio, sistema planetário ou veia . . .

*

O nascimento das frases pelo encantamento rítmico . . .

*

O drama do escritor com o verbo é o da luta de Jacob com o Anjo . . .

*

Certas idéias esgueiram-se cosidas ás frases, como gatos esfaimados . . .

*

Pan, o deus dos antros, mistura-se no hino XVIII de Homéro, ao côro de danças das ninfas das montanhas . . .

*

Os matizes, os tons de passagem, os tons môrtos, abrindo rasgões na prósa.

*

Dar pela minucia da descrição a sensação das coisas; ocultar as coisas, abstraíndo suas qualidades, na descrição.

*

Noticiário e Poesia.- Demótica, Etologia e Aretologia dissolvidas nas noticias diversas dos jornais, com o Logos, o Egos, o Mito e o Eros . . .

*

Perdemo-nos, por puro e simples prazer, numa confusão de frases e idéias, como num labirinto de ruelas, tumultuariamente povoado . . .

*

Goethe, que estudava ciências físicas e naturais a fim de relevar suas idéias poéticas, recomendava ao seu amigo F, de Muller a leitura de Homéro e a diária contemplação de belas gravuras.

*

O estilo-água nascente, espontaneo, vivo e inquieto. O estilo marulhante de sensação de afogamento. O estilo inutilmente desinteressado e gratuito, de portas abertas e fechadas e de um sair e entrar, com pés de lã, pelo maravilhoso . . .

*

Há planos plásticos na prosa de Homéro. E fundos architectônicos em seus relêvos. Os tipos descritos por Homéro saem do texto . . .

*

A forma espacial arbitrária, desassociada, dissonante, sincopada, mentada, em planos multiplos de narração. O ambiente da descrição post-impressionista, acústico e fosfoluminescente. E o continuo da prosa classica, como um rio . . .

*

As partes de uma composição poetica coordenam-se, numa arquitetura de palavras, circunscrevem-se, ordenadamente, como os materiais das cathedrais antigas, erguidas pelos mestres das pedras vivas e por uma anonima multidão de operários, com sentido de grupo e com sentido místico . . .

*

Homéro é Ulisses de alma corajosa, seguido de perto por Atena invisivel; é Demadocus, aedo, cego, sobrenaturalmente inspirado; é Phenius coagido a cantar para os molestos pretendentes, dedilhando a septisona lira . . .

*

Dissecar a prosa, como um cadaver, colocando-a em vários planos de consciência e em diversos planos espaciais, sob pretexto de fundir o impressionismo, o cubismo e o sobrerrealismo, numa síntese original e magnifica.

Com James Joyce surgiu a mania da espacialização da forma da novela . . .

*

Arte de sons, ziziamentos, bisbichos, guizalhadas, cicios . . .

*

Toda vida é um romance, com um argumento de historias intimas, de difficel desenovelar, impreciso, opaco, incerto . . .

*

En certos dialogos as realidades se despojam de peles inuteis. E as vozes se perdem num labirinto de tenebrosas sugestões e ressonâncias . . .

*

Personagens que se agitam dentro de ensolaradas paisagens de palavras *sub species aeternitatis*...

*

O silêncio acentua o dialogo.

*

Existe uma arte de revelações e outra de ocultações. E literaturas de personagens de vida dupla; personagens misteriosos que desaparecem, vóltam ou se ocultam, como ratos em seus buracos ou coelhos em madrigueiras. (Eneias, depois das duas pombas brancas terem pousado sobre as folhas de ouro reservadas, como oferenda, a Proserpina, desceu aos Infernos. Fausto visitou o reino das Mães, *seres geradores, salvaguarda de todas as formas vivas*)...

*

O mêdo com suas patas de monstruoso animal de sonho.

*

Muita coisa surge em nossos sentidos, sem que o saibamos, como os sons desse silencioso apito de caçador, ouvidos, longinquamente, somente pelos cães de caça, errantes

*

As iluminuras de sensações.

*

Antigas sensações musicais, como sons perdidos. E a surpresa de um hoje indeciso, desperdiçado...

*

O melhór de nós mesmos se perde, como música não escrita.

*

Paixões escritas no sangue transmudam-se em saudades antes de se converterem em música.

*

O claro desenho melódico do trinar de um passaro, quando, na primavera de um país nórdico, entardece o dia...

*

Complicado como o das estrelas é o estudo espectralógico da totalidade do nosso eu. Somos um e muitos, ao longo do tempo, e ao azar dos estados psíquicos, silenciosamente fluindo para o nada...

*

Cae, de súbito, num labirinto de espelhos de palavras cégas.

*

O místico, como o pequeno conselheiro de Minerva, de olhos de azeite purissimo, simbolo vivo da sabedoria, só vê no escuro...

*

Atar o dogmatismo ao pragmatismo por um nó indissolúvel, como o consagrador de união, dado nas roupas dos noivos do antigo Mexico . . .

*

Quando a teoria não se alia á pratica, o espirito balança num mar de duvidas, como o olho pintado de uma barca antiga ou a figura de prôa de um navio . . .

*

O espaço-prisão ou campo de concentração. O espaço metafísico dos cubistas, cromático. O espaço abstrato dos matemáticos , com VI, V 2 e outros VV. O espaço relativo de Leibnitz: *a ordem de coexistência das coisas...*

*

A personagem de ficção:—Vivo num espaço mágico. Salto das palavras , como galga um ladrão um muro . . .

*

— Fui fébre de presenças e ausências na mente do escritor . . .

*

— Vivo *sub species aeternitatis*. Um e muitos, disperso em onipresenças, servi-me de um efêmero, para me eternizar. Fui verdugo de todas suas forças creadoras. Sobreprei-lhe até um bom final de romance . . .

*

— Espectralmente saltei por uma janela encantada para me apresentar ao meu futuro credor. Fiz-me todo sua idéia . . .

*

— O ser profundo do meu creador se desmancha , em mim, em mil e uma aparências . . .

*

— Sempre em suspenso na imaginação de meus leitores impacientes, vivo vida própria dentro das paginas do romance. Fui o creador do meu repetido destino inexorável . . .

*

— Actor ficticio, agito-me, como um autômato, nos monótonos pequenos mundos do continuo de uma narração. Sou o sonambulo do abstrato e um divertido sujeito de leitura . . .

*

— Gesticulando, falando, agindo, dinamicamente, na trama do romance, dela expulsei meu creador . . .

*

— Assim como a sombra muitissimo mais se aprofunda pela proximidade do tom branco e o verde, oposto ao vermelho, torna-o mais vivo, assim tambem as diversas circunstâncias modificam as infinitas possibilidades de ser da minha illusória vida de personagem de romance . . .

*

— Sou filho de sonhos e de realidades, de sonhos de realidades e de realidades de sonhos. Personagem de ficção, meu creador exgotou vivências, por todas minhas idéias possuído. Sonambulicamente, ele viveu delírios. Robei-lhe a vida, por fim . . .

*

— Sou todo espirito e sentidos no estilo do meu creador. Vivo, como um homem de carne de osso, dentro da trama da narração . . .

*

— Serei uma personagem eternamente fraca. Nasci de sete mezes . . .

*

— Não permito que o autor, e sua família, se intrometam na trama da novela . . .

*

— Perambulo de país em país, espalhando o joio e o trigo das idéias de uma época. Reconstituo a vida, em seus aspectos multifários, no lúcido espaço da consciência . . .

*

— Quem é Você ? .

— Uma personagem de ficção, retratada numa sucessão de frases imutáveis, ignorante de seu próprio destino . . .

*

A personagem de romance, com sua profunda vida secreta, dispersa-se em aventuras; diverte ou faz sofrer; eterniza os modos de sentir de uma época, transparentes ou opacos. Ressuscita antigos hábitos. Liberto de seu creador, revive, toda vez que é lido ou relido, de mil maneiras diferentes . . .

*

Há também o personagem que existe *sub species aeternitatis*, imponente, como uma estatua . . .

*

O argumento de um romance, que a si próprio se descreve, é algo imprevisto, como um ser que vai nascer . . .

*

Trama de romance que se desata, como a continua fuga branca do papel de uma bobina . . .

*

As personagens de romance apresentam-se sorratamente, como as amantes importunas, e instalam-se, vivendo vida própria, no espirito e no sangue do escritor . . .

*

As vagas perspectivas abstratas da novela, que é um esquema de esquemas, com mil pontos cintilantes dentro da ambiguidade do seu argumento e da sua estrutura . . .

*

A idéia do romance, secréta como o trabalho das raízes ou a química silenciosa das celulas...

*

O romance como mitologia do sofrimento...

*

As personagens de ficção agem, pensam e falam por conta própria, vampirizando o escritor. Não vivem, como fantasmas, dentro de uma atmosfera ficticia, enredados na trama do romance. Têm elles uma extrema sensibilidade nas pontas dos dedos...

*

Um romancista com uma media de quociente normal de intelligência não póde criar personagens com uma media genial ou bôa de intelligência...

*

Navios de cascos azinhavrados, cheios de algas e de mexilhões.

Um navio antigo a vela com uma longa figura esculpida na prôa, povoando o ar de mistérios.

Encostada a um muro, num cismar distante, uma mulher oriental, flôr de mocidade, com babuchas bordadas, impassivel, como um idolo hierático, coberto de jóias.

Mulheres sentadas diante de portas das quais pendem tilintantes cortinas de fios de contas de vidro colorido...

*

A feira do alho e dos "santons", em Marseille, com muita música engasgada em rolos de pianólas do passado. A encapelada gríta do agitado cais dos peixeiros, cheirando a salsugem e a iodo. Os mistérios do Natal, representados por gente humilde de antiga raça, pastores carregando anhos e pescadores elevando cestas abarrotadas de peixes e de frutos do mar, numa secular igreja de agudo campanário erguido sobre uma confusão de tectos de intrincado casario...

*

Ruelas assassinas, cosmopolitas da cidade grega fundada seiscentos anos antes de Cristo-lugar de prazo dado de todos os aventureiros da terra. No fundo de uma ruela escusa, sob uma lanterna numerada, a luxuria, de olhos verdes e mãos de estrelas pálidas, filha da noite, parada, em atitude enigmática...

*

Os dois alarmes, transmitidos de cidade em cidade, cujos últimos ecos morrem num lamento. Anunciam, o primeiro, num uivar de lobos ao vento, o *Warning*, ás

vinte horas, e, o segundo, ás cinco, com as primeiras brisas matinais, o *'All clear*.

O crepitar das chamas, o esfusiar das bombas, antes da explosão, e os ruidos de grandes panos rasgados das casas que se desmoronam . . .

*

Na água clara dos canais reflectem-se , tremulamente, fachadas de casas e vôos no azul lavado.

Confiando segredos, boinas brancas juntam-se, nos bancos das pracas públicas , a chapeuzinhos vermelhos.

Uma poeira de oiro penetra nos delicados verdes das folhagens.

O céu de um nacar frio perde-se no horizonte numa barra de violeta-pálido.

Os esquilos, nos parques, descem das árvores e sobem pelas calças de velhinhos bons, como um bom melão, á cata de nózés . . .

*

Uma luz de amanhecer clareia, de noite, a casa toda. Esqueci-me de que estava perto do pólo norte.

As gaivótas, anunciadoras da primavera, chóram, como crianças , perto dos canais.

Os passaros gazeam, por engano . . .

*

Passam póstes telegráficos, lagos, rios, bosques e mais bosques, casinhas vermelhas de madeira, aldeias industriais, e planícies que se estendem, com bois deitados e cavalos, de pé, com longos estremecimentos nos ventres. As rodas do trem claman por Pedro e João, Pedro e João, num movimento incessante . . .

*

As imagens não devem fulgurar. Os grandes clarões devoram as imagens.

O lento empalidecer da imagem na prosa feita música...

*

Imagens imprecisas de antigas sensações surgem no espelho embaciado da nossa memória, como lembranças.

*

Imagem, simbióse do abstrato e do concreto, transmutada em conceitos.

*

Certas imagens, verdadeiras sínteses subconscientes, encarnam o drama do eu face ao todo cósmico . . .

*

Imagens de imaginação , em fusão de conceitos, ressoando, no búzio eufônico das inquietações de uma época, insólitas sensações.

*

Imagens brilhando na pupila de um conceito.

*

Imagens em primeiro plano de surpresa máxima.

*

Imagens inquietantes, sôbre conceitos, como os baixo-relêvos fotográficos nascidos de uma película positiva sôbreposta a um film negativo.

*

Imagens estanguladas em segmentos. Colônias de imagens. Enxêrtos siameses de imagens . . .

*

Imagem insulada no espirito , como a gelatina infôrme de uma medusa retirada do mar . . .

*

As translações de imagens e as relações de comparação. A instantânea consubstanciação das sensações em imagens.

Os limites da imagem-evocação e evasão . . .

*

Metamorfose da realidade.

(Transformação de Syrinx.)

Revelações, pelas imagens, do natural-sobrenatural.

(Frauta de Pan, unida pela cera.)

O orfeico ordenamento das imagens e o arranjo musical das frases.

*

O leve corpo de imagens de um poema.

*

O ritmo de imagens silenciósas do filme sem intrigas do sonho.

*

O eginatismo barroco na montagem das imagens. As idéias que se fundem numa imagem em primeiro plano. Toda idéia é, também, barrocamente eginática, quando compôsta de inúmeras notas. Fantasia. Medida. Barro. Limite . . .

*

A imagem que por meio do material torna sensível o ideal tem limites imprecisos.

*

O artista , prestes a arrancar o segrêdo das coisas, é como Orfeu que se volta para contemplar Eurydice , perdendo-a para sempre.

*

Somos os noveleiros das coisas.

*

O desenho-sonho de impossibilidades que é a coisa em si.

*

A coisa em si esconde seus segredos.

*

O não eu (a coisa) a não coisa (o eu) e os espelhismos de lembranças.

*

A coisa em si é responsável pela idéia em si.

*

Nossas opiniões não mudam a composição das coisas.

*

Somente no mundo potencial das coisas encontramos o essencial, o imutável, o eterno, o objetivo, o impessoal.

*

O singular se universaliza na coisa transfigurada em conceito.

*

A imagem-limite numa moldura de chamuscas...

*

A abstração, com o desenho das estruturas matemáticas e as cores do insólito.

*

Abstração: mágica do essencial, que nem sempre é certo.

*

A abstração morde, às vezes, a própria cauda, como uma pescadinha frita.

*

O sublime e o monstruoso concebidos na abstração do cálculo.

*

Mesmo na expressão abstrata, sentida como um desgosto, há desenho...

*

Gosto do perfume, mesmo quando considerado um simples comprimento de onda; do sorriso, suave como uma flôr; das cores; das imagens e das abstrações...

*

A pobreza das recordações que se adelgamam como nuvens; recordações de formas, de fenômenos e de seres, abstraídos no pensamento...

*

Existe um abismo entre a essência e a sensação das coisas.

*

Melódicos desenhos de sensações no tempo...

*



E' um raro milagre de síntese esta imagem lirica de Garcia Llórcia, que vòia sòbre o vísigo das palavras:

"Còbre amarelo, sua carne cheira a cavallo e a sombra".

A seguinte, de uma beleza estranha, é de um moderno poeta espanhól: "Seu corpo cheira a jardim molhado"...

*

As imagens de Rimbaud e de Ramón, o escamoteador, centêlhas do insólito, num estilo de farça mágica e auróra boreal, aclaram todo um período de cultura, ainda em plena floração:

"Um pequeno beijo, como uma aranha louca, correrá pelo teu pescoço. (Rimbaud).

"A petala de um beijo. (Ramón) ...

*

As imagens de Raimundo Lúlio espiam pelas frinchas das pórtas falsas do espirito: "A pimenta repreendeu o alho porque vestia vestes brancas". Ela é, no entanto, tão moderna como esta de Ramón, o humorista funerário: "Alhos, dentes de brucha".

*

Duas imagens mágicamente surpreendidas, que amararam a coisa ao conceito: "A lava é um crocodilo que avança. (Ramón). Napoleão tambem greguerisou quando disse que "os mendigos são frades ambulantes".

*

O Curupíra de liso còrpo tapado, fechando cinco sentidos cegos, é um simbolo. Abri-los, como uma flòr, pelo sexto sentido da leitura ...

*

A flóra e a fauna dos sentimentos abissáis ...

*

Ler o desconhecido, como a sensível mão do cego a página em relêvo de um livro Braille ...

*

Oceano, espirito e marulho de sensações ...

*

Sem uma unidade de medida é impossivel calcular a intensidade das sensações, comparando umas com as outras.

As associações de sensações, de representações e de imagens ...

*

Uma imagem quer para Jules Renard, quer para Ramón possui um alto valor plástico e não é uma banal representação, por concordância, do concrêto:

"Uma romã ri como um negro (Jules Renard).

"No piano ri um negro. (Ramón)"

*

Na imagem de Homéro "a corrida dos cavalos de pés rápidos como o vento" a simbióse da coisa com o conceito é mais enérgica que a da celebre frase metafórica de Severine, "o cavalo galopando não tem quatro patas, mas vinte" . . .

*

Nesta imagem do Joyce dos tres verbos fundidos num só , não se sente o peso das palavras: "o disco branco de um chapéu de palha relampeou em respósta: passou." . . .

*

São fórtes e plásticas estas duas representações sensoriais e intelectuais de Leonardo da Vinci e de Napolão:

"Muitos chorarão seus mortos , levando-lhes velas acessas" . (Leonardo da Vinci).

— "Os cirios que hoje se acendem em pleno meio dia , em outros tempos iluminavam as catacumbas. (Em Notre-Dame, no dia da coroação).

*

Esta imagem de Homéro, em primeiro plano de surpresa mágica, é eternamente nova como um pão: "Ulisses mexia-se na cama, como uma linguiça revirada na frigideira." E é tão plástica como a seguinte de Ramón, o funambulo do abstrato: "O olhar felino dos parafusos".

Ou como esta outra de Rabindranath Tagore: " A areia cintilava como a pupila de um tigre" . . .

*

As imagens e metáforas de Novalis e de João Paulo Fr. Richter florêscem no jardim do desconhecido ou são instantâneos do abstrato: "O seio é o peito elevado ao estado de mistério . O peito moralizado" (Novalis). "O éter pinta éter com éter". (Richter).

Captar uma imagem emocional ou de imaginação, não é tão facil como se pensa . . .

*

Imagens tiradas num passe de mágica boba, do fundo da cartóla cubo-dadá- sôbrerealista: "O céu amamentava seus gatos". (Apolinaire). "O cardúme de fôcas batido pelas ondas olhava para o paraizo". (Hart Crane).

*

As imagens excessivamente analíticas , incertas, fabricadas, são comparações que se desvanecem. Não apanham a realidade *in flagranti*. Não teem o menór valor potencial simbólico.

*

Flaubert, que, segundo Paul Valery, jamais criou uma imagem, escreveu: "Ah quand on sait peloter des métaphores on peut bien rouler les imbeciles".

Roger Callois, recentemente, tratou da fraude verbal na utilização da metáfora . . .

*

As folhas que a ventania arranca das árvores, antes dos violentos aguaceiros de verão, doidamente cortam o espaço como passaros cegos, num rápido vôo incerto.

O cheiro acre da terra, com embaçados cenários românticos, atrás de trêmulas cortinas fugitivas de chuva.

*

Um corpo pesado de ausências e de lembranças mortas.

*

Noite de inverno, com brancuras de neve, e um luminoso borrão de lúia no frio azul noturno.

Um repentino e malgrado incêndio de alfabétos a gás neon, em baixo . . .

*

Somos algo, humana e logicamente, enquanto sentimos e pensamos . . .

*

Um pouco de pó acinzentado, com vinte por cento de fósforo e um outro componente ainda não determinado, dentro de um tubo de ensaios é o espírito humano em forma cristalina. Mesmo quando ele foi, claro e aberto, como um dia de maio. Póbre espírito humano responsável pelo que somos, pelo que fomos e pelo que seremos . . .

*

Somente o homem, quando pensa no "país do mais" angustiosamente silogiza sobre sua própria efemeridade...

*

O silencioso desmoronar da memória, sob idéias distantes, como estrelas negras . . .

*

Em todos nós, algo de muito íntimo se agita numa continuação tentativa de revelação. E esse algo, que não pertence aos demais, é o melhor de nós mesmos.

*

Policar cruelmente o próprio espírito ou espiar pelos buracos das fechaduras . . .

*

O mundo interior(eu), das angústias pela unidade e o exterior (Natureza), da pluralidade, somente podem ser harmonizados, mágicamente, como o "sim" e o "não" de Cervantes, pregados com um alfinete . . .

*

O passado é irreversível. E' impossível trazê-lo ao presente, com lembranças e sensações exâtas. A água não parte de um lugar profundo . . .

*

O eu, como força cósmica, na grande miséria da carne, dos nervos e do sangue.

*

Até na desordem existe geometria. E um antes e um depois. E, ás vezes, uma finalidade . . .

*

E' inutil querermos penetrar na essencia das idéias e das das coisas pela intuição.

*

Uma ilha de sombra invadida pela neblina do sonho...

*

As idéias vestidas de sonho . . .

*

Era mole e fôfa, nos momentos de abandono. Pegada ao chão, seus olhos brilhavam com os de uma serpente, aprontando o bóte a um passaro invisível. De noite, ronronava, enrodilhada, diante do borralho. Brava, seus olhos de um azul metálico, com chispas amarélas, fosforeciam. E empinava-se toda, antes de se encurvar como um arco de pelos eriçados . . .

*

A humanidade, sem direito a nenhuma apoteóse, parece ter-se envolvido, como Hercules, na tunica ensanguentada de Nessus . . .

*

No ar parado da manhã pálida, com uns roxos distantes, gatos espectrais, de caras triangulares, de olhos amarelo-esverdeados, surgem, de todos os cantos, como encarnações de idéias místico-mágicas. Uns despencam, caindo de manso sôbre as patas dianteiras e outros, sorrateiramente, saem das aberturas das paredes com as quais se cosem. Num rápido fungar de repetidos engasgos engólem restos de peixe deixados por velhas gaiteras, empertigadas, de olhar baço, que tossicam andando . . .

*

O ideal, entre o passado e o futuro, como um pássaro agonizante . . .

*

A paisagem refugiou-se nos cartazes. E' difícel vadiar pelo plácido país dos cartazes . . .

*

As personagens dos cartazes saltam de seus enórmes papeis pintados e vivem uma fugitiva vida nocturna como personagens de sonhos em ruas de sonhos . . .

*

Os cartazes são a imaginação da cidade e sua expressão- sorriem mágicas sugestões, numa linguagem de insinuações insidiósas ; reflectem novas tendências e orientam a atenção para a visão multiplíce . . .

*

O negro a fim de conservar os segredos de sua alma, tudo faz para não ser um homem pintado ou um homem fotografado. Coisas e nomes tem para ele propriedades e valôres misteriosos. O chinês , pensando na viagem de pés para a frente, passa a vida colecionando silhuetas de coisas . . .

*

Cassandra ainda profetiza na Európa. E nenhum Anfião reconstrói cidades ao som de uma lira . . .

*

Cipós dentro das sombras da selva densa e humida e epífitas ao sol, sôbre um mar de copas. E o Curupira, o mameluco e o tapuio, ocultos na maranha . . .

*

Os passageiros dos trens subterrâneos, de pé sôbre degrãos metálicos de escadas em rotação continua, sôbem, uns, e descem, outros, como autômatos de barracas de feira . . .

*

Foi como uma alga dentro de uma onda . . .
Seus olhos transformaram-se em dois pôços de mistério.

*

Sem estudar, cientificamente, os processos de ação psicológica de contágio mental sôbre as massas populares, tentando criar o fenômeno da procura em torno de um produto, muito anunciador dá saltos na Lua ou em Júpiter : julga saltar dez metros na lua e salta trinta; crê saltar trinta em Júpiter e, somente salta dez . . .

*

Há ordem nas leis do mundo físico, nos secrétos subterrâneos, filhos do instincto, que os pequenos animais constróem, na complexidade de movimentos dos astros, numa orquestra, num côrpo de bailados, em todas criações de espirito-flôres de perfeição e simplicidade, sempre com um "momento atual" , um "antes" e um "depois" . . .

*

A mão , sem o polegar, como um simples gancho. A forma de forceps da mão, órgão de apreensão e de tacto. A mão como milagre anatômico, órgão dos órgãos . . .

*

Existem palavras que parecem sair de casulos.

*

As palavras hibernam no subconsciente do ser.

*

E' complexo o problema da palavra, regulada pela respiração, pelo sistema nervoso, pela memória e pela atenção.

*

A palavra no discurso não é insubstituível como o número no cálculo.

*

Distribuir força entre as palavras como numa ponte. E' bom levantarmos pontes sobre o desconhecido.

*

Os murmurantes orquidários de palavras doentes.

*

Escrever com palavras pegajosas.

*

Os compostos, noções-palavras e as locuções iluminam o discurso.

*

Dansa: linguagem de gestos, liturgia, poema de sonhos, escrito no ar, com rimas de corpo e alma. E' inútil tentarmos transformá-la numa geometria, secreta e superior, encerrando-a dentro da forma do ecosaedro...

*

Seu corpo é um jardim de gestos. Um jardim de gestos com beijos e silêncios de luz. Nele, amanhece e anoitece, quando ela dança... E sua dança, de uma beleza nua e casta, é um pensamento despetalado, presente e distante, um pensamento inquieto-reflexo de flôr em vários espelhos...

*

Para o dançarino hindú existem, como disciplina do uso de cada músculo, trinta e oito movimentos para ambas as mãos, oito movimentos de cabeça, oito expressões de olhar e, ao todo, cento e oito atitudes combinadas, cada qual com uma significação simbólica diferente...

*

Disney apresentou o Senhor Som, desmanchando-se em cores, quentes e frias, de alturas diferentes de sensações...

*

O século XVIII foi o século de Beethoven, de Goethe e de Leibnitz, com o seu imortal "Discurso da Metafísica". Nele nasceu, também, o "ballet" clássico, com cenários tão convencionais como as paisagens de fundo de Watteau, cujas figuras elegantes parecem, ainda, fugidas das sumptuosas festas das cortes dos grandes reis.

Mozart é o Watteau da música.

*

A idéia-música e o desenho-sofrimento.

*

O valor das palavras que desenham a realidade ou a sensação das coisas, no arranjo ordenado das frases, é musical.

*

Os mil alcances dos modos da música são imponderáveis.

*

O conteúdo de sensações indefinidas e de idéias informuladas da música.

*

Tudo é forma e ritmo ou simbiose de forma e ritmo.

*

Mesmo em suas composições subconscientes, filhas da evasão, o artista, que pensa musicalmente, se afirma como um enamorado do seu país...

*

A notação musical obedece a princípios rígidos. Tudo depende da perfeição do sistema de notação. Emoção

e Natureza apreendidas no continuo das notações musicais...

*

Símbolos de invisível substância fugidía. Sortilégios de sons combinados no plano abstrato. E o grafismo musical...

*

FIM.